



Boletim PIB

DAS CADEIAS PRODUTIVAS

Maio de 2017

EDIÇÃO ESPECIAL

Desaceleração da economia brasileira reflete em baixa nas cadeias do agronegócio

1. Cenário Geral do Período

A economia brasileira registrou mais um ano de recessão em 2016, com queda de 3,6% no Produto Interno Bruto (PIB), o que, somado à queda de 3,8% verificada em 2015, se configurou na pior recessão da história do País. Diferente de anos anteriores, quando o desempenho da agropecuária impedia resultados ainda mais graves, em 2016, a crise foi generalizada e os três setores que compõem o cálculo do PIB brasileiro do IBGE recuaram no ano: agropecuária (-6,6%), indústria (-3,8%) e serviços (-2,7%). Segundo o IBGE, a alta dos juros, a restrição ao crédito e a queda da renda, puxada pelo desemprego crescente, deterioraram o poder de compra dos consumidores, prejudicando o consumo das famílias. Os investimentos também foram reduzidos (10,2% no ano), reflexo do comportamento cauteloso das empresas perante a recessão e incerteza política.

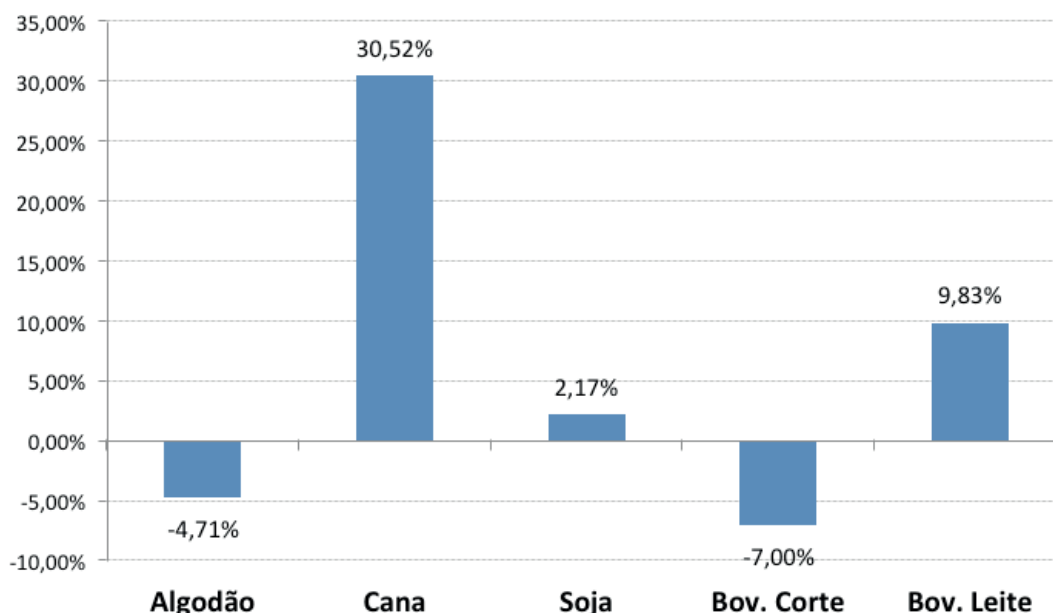
Esse conjunto de fatores refletiu negativamente nas expectativas e no desempenho do agronegócio nacional, tendo pesado sobre todos os segmentos do setor. Ainda assim, impulsionado pelo desempenho das vendas externas e pelo crescimento dos preços agropecuários, entre janeiro e dezembro de 2016 (em relação ao ano de 2015), o PIB do agronegócio brasileiro acumulou alta de 4,48%. Tal desempenho refletiu a valorização real dos preços, especialmente para os segmentos primários, uma vez que, em volume, o cenário seguiu em baixa para atividades importantes. Ressalta-se que, no PIB da agropecuária, calculado pelo IBGE, avaliam-se apenas variações em volume produzido, enquanto o PIB do agronegócio, calculado pelo Cepea, além de considerar o comportamento do volume produzido, leva-se em conta também o comportamento dos preços reais da agropecuária.

Entre as cadeias analisadas individualmente pelo Cepea/Esalq-USP, com o apoio fi-

nanceiro da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), as do algodão e da bovinocultura de corte registraram desempenho negativo no ano: taxa de 4,71% e de 7,00%, respectivamente (Figura 1). Com isso, a renda anual destas cadeias fechou o ano em R\$ 14,3 bilhões (cadeia algodoeira) e em 200,4 bilhões (bovinocultura para corte) – em valores de 2016 (Tabela 2).

Já nas demais cadeias, o cenário foi de expansão no ano. Na da soja, a variação foi modesta, mas positiva, em 2,17%, o que, em valores monetários, correspondeu a uma renda de R\$ 103,4 bilhões em 2016. Na cadeia leiteira, o desempenho foi positivo em 9,83%, havendo, com isso, reajuste na renda da cadeia para R\$ 63,6 bilhões no ano (Tabela 1). O desempenho mais expressivo foi registrado na cadeia da cana, com alta de 30,52%. Com isso, a renda anual estimada nesta cadeia ficou em R\$ 164,1 bilhões.

Varição na renda das Cadeias selecionadas (2016/2015)



Fonte: Cepea/USP e CNA

2. Evolução dos segmentos no primeiro semestre de 2016

2.1. Insumos

A renda do segmento de insumos recuou em três cadeias: algodão, cana e de leite (Figura 2). Nas cadeias agrícolas citadas, os menores patamares de preços de fertilizantes e do óleo diesel ajudam a entender o comportamento negativo do segmento de insumos (Figuras 6 e 7). Nas cadeias do algodão e do leite, o desempenho negativo do segmento de insumos também refletiu os menores volumes produzidos (primário e industrial) em comparação a 2015 (Figuras 6 e 10).

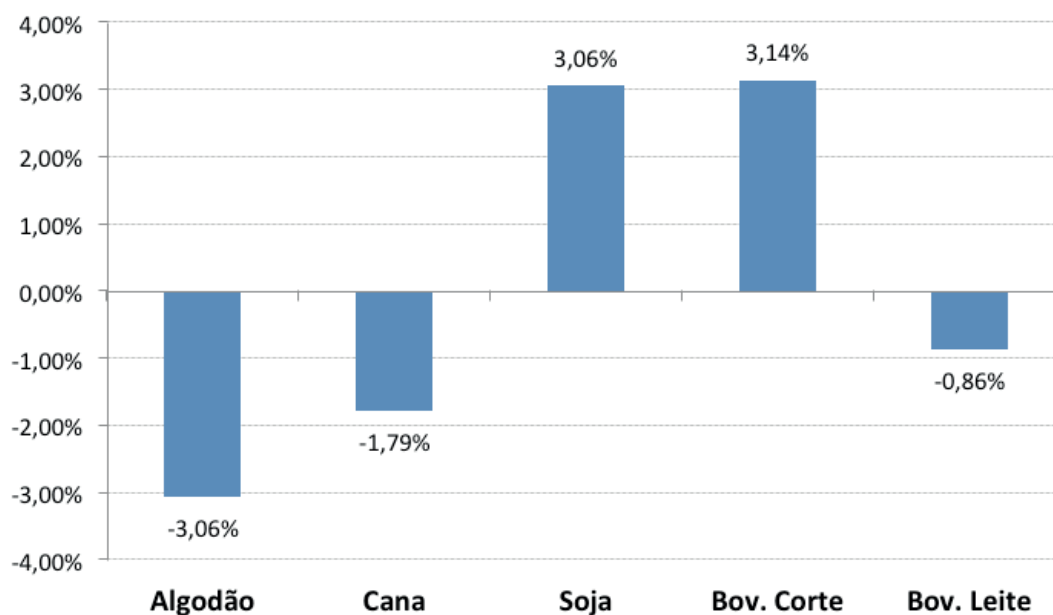
Nas cadeias da soja e da bovinocultura de corte, o segmento de insumos regis-

trou alta no ano, ambas em torno de 3%. Quanto ao segmento de insumos voltados à soja, os aumentos nos preços dos defensivos e das sementes justificam a expansão (Figura 8). Na cadeia da bovinocultura de corte, os maiores preços de medicamentos e das rações influenciaram a elevação. (Figura 9).

Em relação às rações, o Sindicato destaca que o primeiro semestre de 2016 foi marcado pela alta dos preços do milho e do farelo de soja, o que desestimulou grande parte dos pecuaristas. No entanto, a partir do segundo semestre de 2016, houve uma retomada deste mercado, dada a redução nos custos da alimentação animal e a maior demanda por parte da pecuária leiteira, favorecida pela alta dos preços do leite.

Em relação à indústria de fertilizantes e adubos, pode-se destacar a expressiva retração no faturamento anual da atividade, reflexo da redução observada nos preços (média nacional de -14,41%, pelo IPA-Fertilizantes, já descontada a inflação) e também na produção (média nacional de -1,27%, conforme dados da Anda – Associação Nacional para Difusão Adubos/Fertilizantes). Segundo agentes de mercado, apesar das boas vendas de fertilizantes em 2016, houve mobilização de estoques que, associado à valorização cambial ao longo do período (apreciação do Real frente ao dólar), resultou em menor quantidade produzida nacionalmente.

Gráfico 2 – Taxa de variação (%) do segmento de Insumos nas cadeias selecionadas – 2016 frente a 2015



Fonte: Cepea/USP e CNA

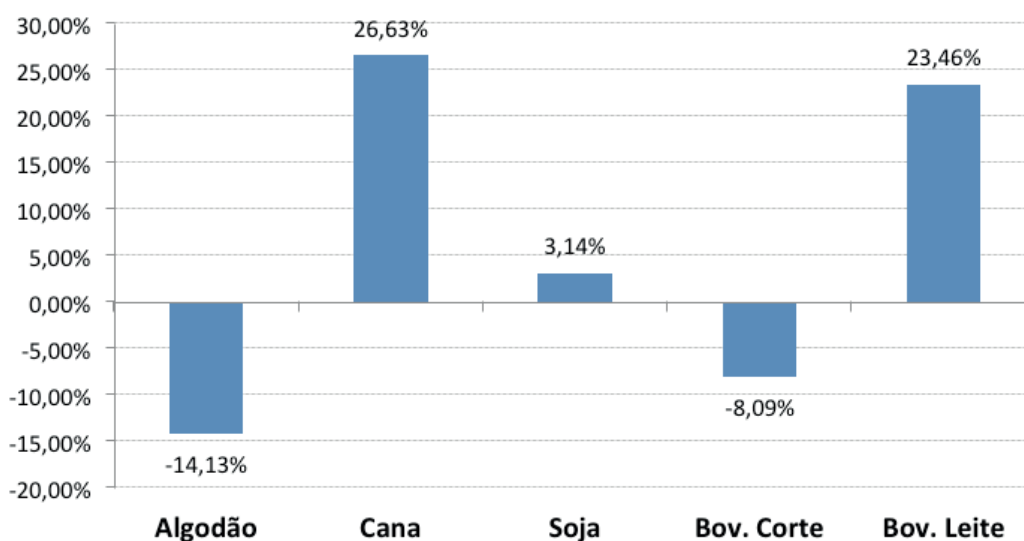
2.2. Atividades primárias:

No segmento primário, a cultura do algodão registrou baixa de 14,13% na renda no acumulado de 2016 (Figura 3). Tal desempenho é resultado do menor volume de produção no ano, tanto para a pluma quanto para o caroço, já que os preços apresentaram alta em torno de 11% – Ver

Figura 6. Segundo informações do Cepea, a alta nos preços esteve atrelada à menor produção que, por sua vez, foi resultado de uma inesperada quebra na colheita da safra 2015/16, devido ao clima desfavorável. De acordo com a Conab, o estresse hídrico e as altas temperaturas nas principais regiões produtoras do grão reduziram a produtividade.

Com preços e volumes em baixa (Figura 9), a renda com a produção de bovinos vivos para o abate também recuou: 8,09% no acumulado do ano em relação a 2015. Segundo a equipe Boi/Cepea, a crise econômica interferiu negativamente na atividade, na medida que reduziu o poder de compra do consumidor brasileiro, resultando em quedas de preços reais (Figura 9).

Gráfico 3 – Taxa de variação (%) do segmento Primário nas Cadeias selecionadas 2016 frente a 2015



Fonte: Cepea/USP e CNA

Na cadeia da *soja*, o volume produzido de grãos fechou o ano em ligeiro recuo (-0,82%, figura 8), enquanto os preços acumularam alta (2,88%, já descontada a inflação). Segundo a Conab, a queda na produção refletiu o clima desfavorável à lavoura, provocando atraso no plantio em diversos estados produtores. Quanto aos preços, a equipe Grãos/Cepea destaca que as cotações da oleaginosa subiram em 2016, em decorrência da postura retraída de produtores, da elevada demanda interna e externa e da desvalorização do Real frente ao dólar.

As rendas com a produção de cana e leite cru registraram as altas anuais mais expressivas, de 26,63% e de 23,46% (Figura 3), respectivamente. Em relação à cana, tal resultado está ligado aos maiores volumes de produção na lavoura (4,35%) e também às altas nas cotações, de 13,08%, já descontada a inflação (Figura 7). Para a cana, de acordo com a Conab, o clima favoreceu o desenvolvimento da cultura em 2016, ao elevar a umidade do solo em São Paulo, Paraná e regiões do Nordeste. Além disso, muitas regiões colheram a cana bisada. Quanto ao leite cru, a expansão na renda com a produção refletiu a expressiva alta nas cotações do leite ao longo de 2016, acumulando crescimento real de 19,58% (Figura 10). De acordo com pesquisadores da equipe Leite/Cepea, o preço real recebido pelos produtores em 2016 foi o maior de toda a série histórica do Cepea, iniciada em 2004. Os aumentos concentraram-se especialmente entre ja-

neiro e agosto, tendo sido motivados por efeitos climáticos que prejudicaram a produção. Após este período, houve desaceleração nas cotações, mas, no balanço do ano, a alta se manteve expressiva.

2.3 Atividades da Indústria:

No segmento industrial, o destaque ficou por conta do desempenho na indústria de lácteos, que registrou expansão na renda em 110,12% no ano (Figura 4). Tal desempenho, embora expressivo, esboça a recuperação da atividade, após 2015 ter sido marcado por retração das cotações e da produção. Ao longo de 2016, a variação positiva nas cotações dos derivados de leite justifica a maior rentabilidade do setor (Figura 10). Segundo pesquisadores da equipe Leite/Cepea, este forte aumento veio seguindo a valorização da matéria-prima ao longo do ano, diante da baixa oferta. Com cotações elevadas, houve enfraquecimento da demanda por lácteos, também impactados pela situação econômica de crise vivenciada pelo País e pelo recuo no consumo das famílias.

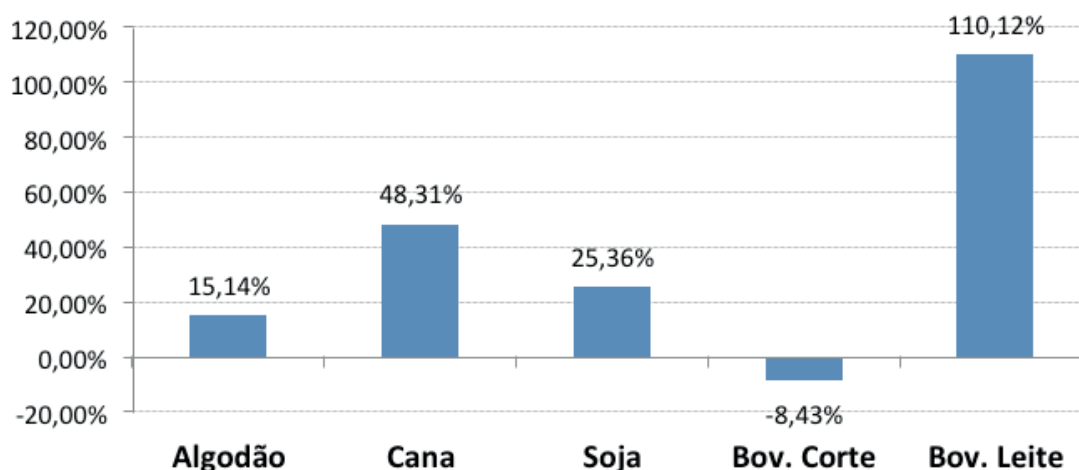
Puxada pelos maiores preços e volume do açúcar e pelos maiores preços dos etanóis (Figura 7), a indústria sucroalcooleira também registrou crescimento: taxa de +48,31% (Figura 4). De acordo com a Conab, em 2016, uma parcela maior da moagem de cana-de-açúcar foi destinada à produção de açúcar, o que influenciou a menor produção de etanol, em especial do hidratado, na safra atual. Quanto ao

anidro, a Conab também destaca que o aumento do consumo de gasolina C explica o impulso na produção deste etanol. Com relação a preços, a equipe Etanol/Cepea indica que a valorização do etanol hidratado esteve atrelada à menor oferta do combustível (14,30%, Figura 7), já que as usinas permaneceram mais açucareiras no período, enquanto o aumento real do etanol anidro (12,97%, Figura 7) foi impulsionado pelo incremento da demanda.

Na indústria açucareira, o significativo aumento real dos preços (30,41%), na comparação entre 2016 e 2015, e a elevação da produção (18,9%) justificam o faturamento anual da indústria. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, esse resultado esteve atrelado ao mercado internacional, que registrou déficit global do produto em decorrência da queda na produção em importantes players globais, como Tailândia e Índia, cenário que resultou em valorização do produto no mercado. Assim, o Brasil pôde aumentar suas exportações, garantindo o aumento na receita anual no setor.

A renda com a produção de *derivados da soja (óleo e farelo)* também registrou crescimento expressivo, de 25,36% (Figura 4). Tal desempenho foi puxado pelo aumento nas cotações de óleo (11,08%), visto que houve queda na disponibilidade interna, influenciada pelo maior volume exportado. (Figura 8).

Gráfico 4 – Taxa de variação (%) do segmento Industrial nas Cadeias selecionadas 2016 frente a 2015



Fonte: Cepea/USP e CNA

A renda na indústria de processamento do algodão cresceu 15,14% em 2016 (Figura 4), mesmo com o volume em baixa das fibras do algodão. Tal resultado refletiu o bom desempenho das exportações de pluma ao longo do ano e a menor produção na safra de 2014/2015, que reduziram o excedente interno de pluma. O patamar de preços no mercado interno, superior à média de 2015, também favoreceu a rentabilidade da indústria.

A rentabilidade da indústria de abate de bovinos foi a única a fechar o ano em baixa (8,43%, Figura 4), devido aos preços e volume em queda (Figura 9). Como destacado em outros relatórios, apesar deste recuo, a atividade vem de consecutivos crescimentos ao longo dos últimos anos, puxada pela aceleração nos preços da

carne e de processados. Em 2016, o cenário econômico de recessão no País levou consumidores a buscarem alternativas no consumo de proteína (ovos e frango), o que influenciou a queda nas vendas da carne e de processados bovinos. Segundo a equipe Boi/Cepea, no front externo, a taxa cambial (em alto patamar, ainda que tenha se desvalorizado na comparação com 2015) deixou a carne brasileira competitiva, favorecendo os embarques ao exterior. Tal fato favoreceu o escoamento da produção, em um cenário de depressão interna.

2.4 Serviços:

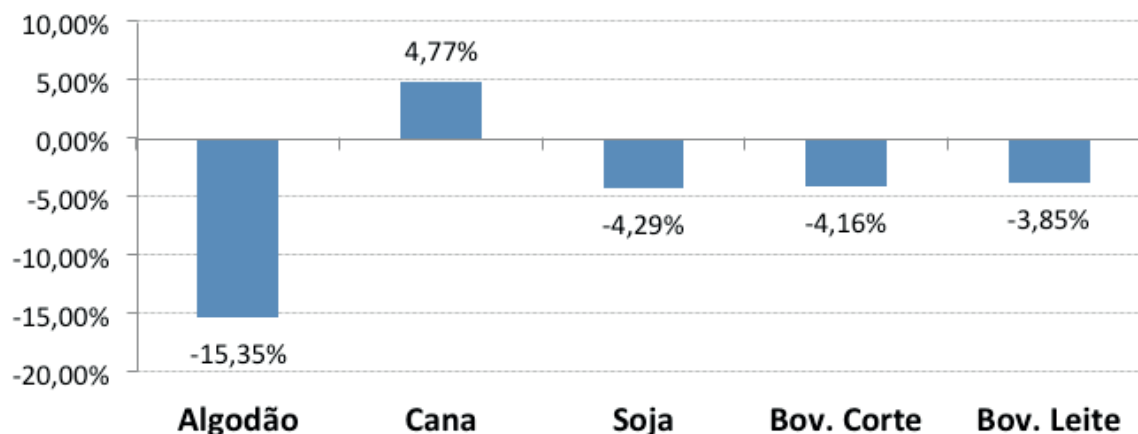
O segmento de serviços - que reflete o comportamento do comércio, transporte e outros serviços ligados às respectivas

cadeias analisadas - cresceu apenas na cadeia da cana (Figura 5). Os maiores volumes produzidos de cana-de-açúcar e do açúcar explicam o crescimento neste último segmento.

Nas demais cadeias, o cenário foi de baixa para o segmento de serviços. Para algodão e soja, os menores volumes produzidos no segmento primário e também do produto manufaturado (segmento industrial) pesaram sobre o desempenho do segmento de serviços.

Já nas cadeias da bovinocultura (corte e leite), os menores volumes processados e comercializados no mercado interno resultaram na queda do segmento de serviços. 🌱

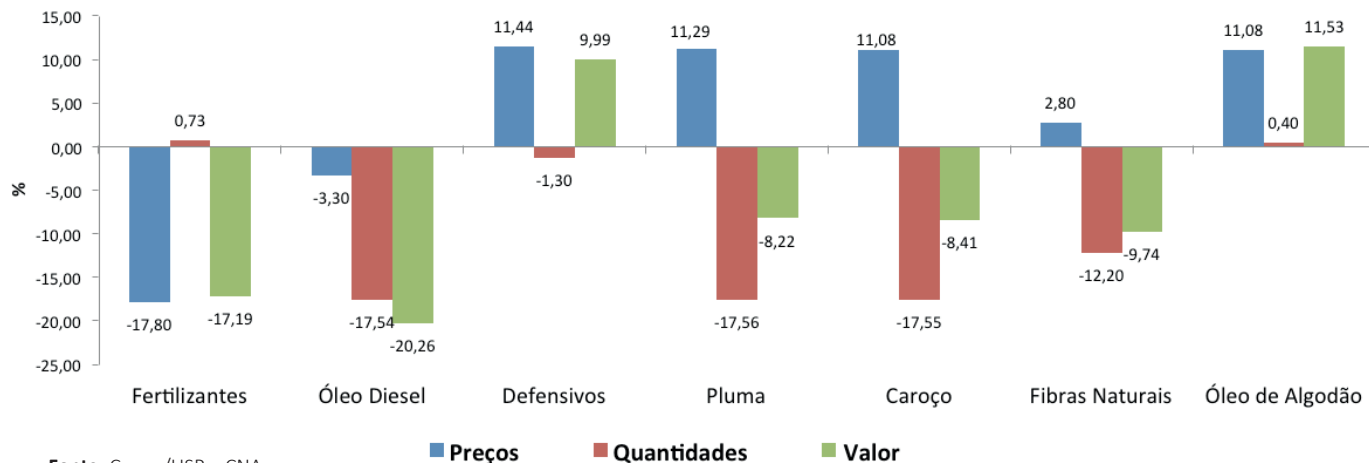
Gráfico 5: Taxa de variação do segmento de Serviços nas Cadeias selecionadas janeiro a dezembro/2015 - %



Fonte: Cepea/USP e CNA

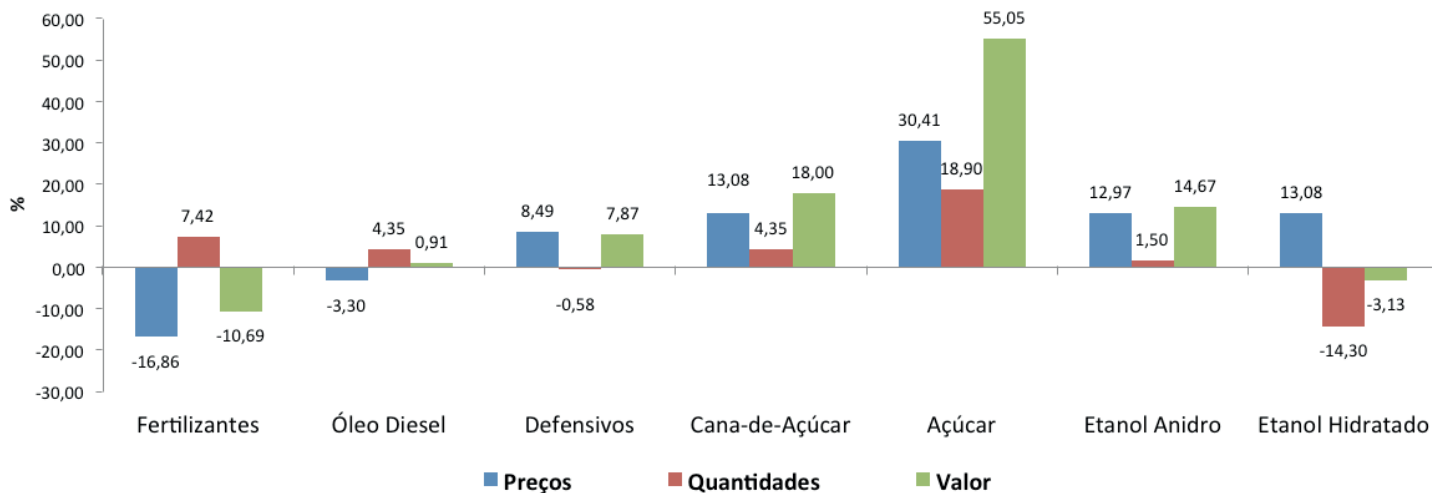
Desempenho dos Preços e dos Volumes das Cadeias – 2016 frente a 2015

CADEIA DO ALGODÃO - %



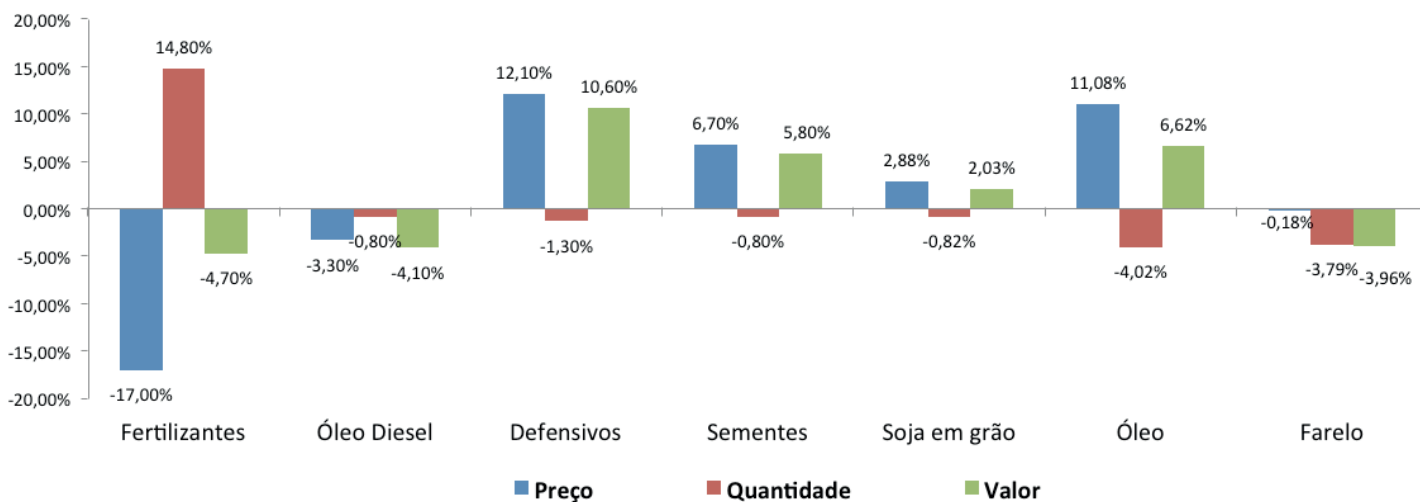
Fonte: Cepea/USP e CNA

CADEIA DA CANA-DE-AÇÚCAR - %



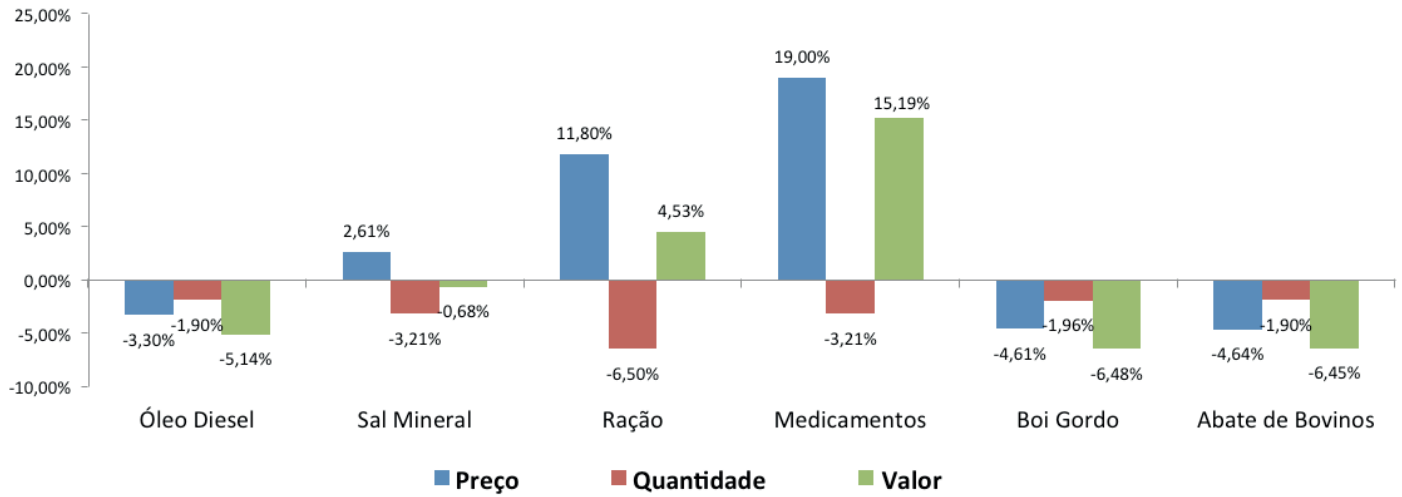
Fonte: Cepea/USP e CNA

CADEIA DA SOJA - %



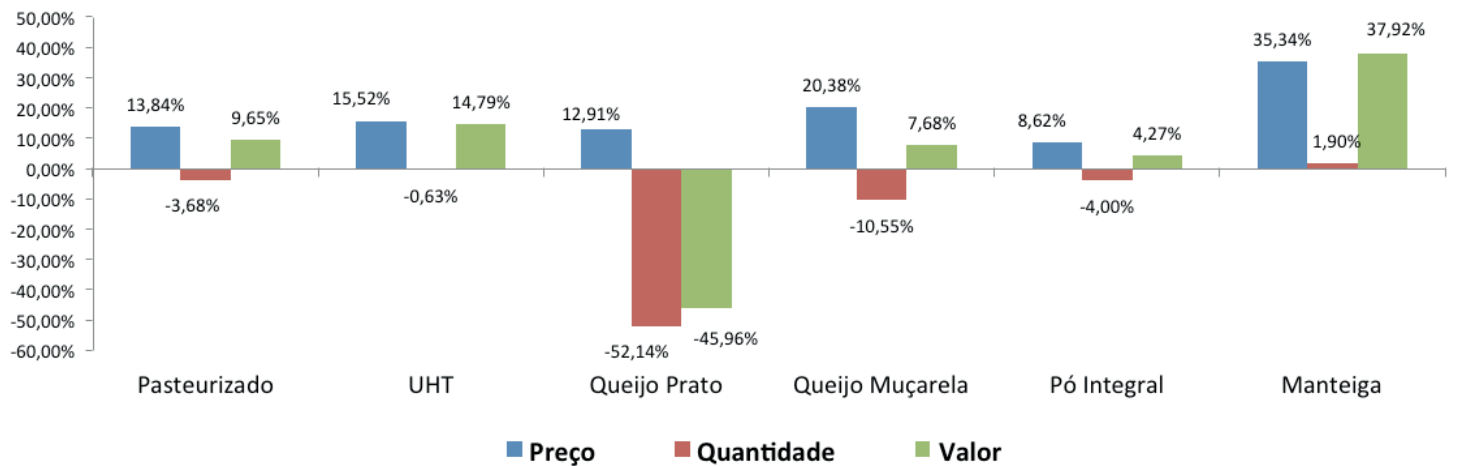
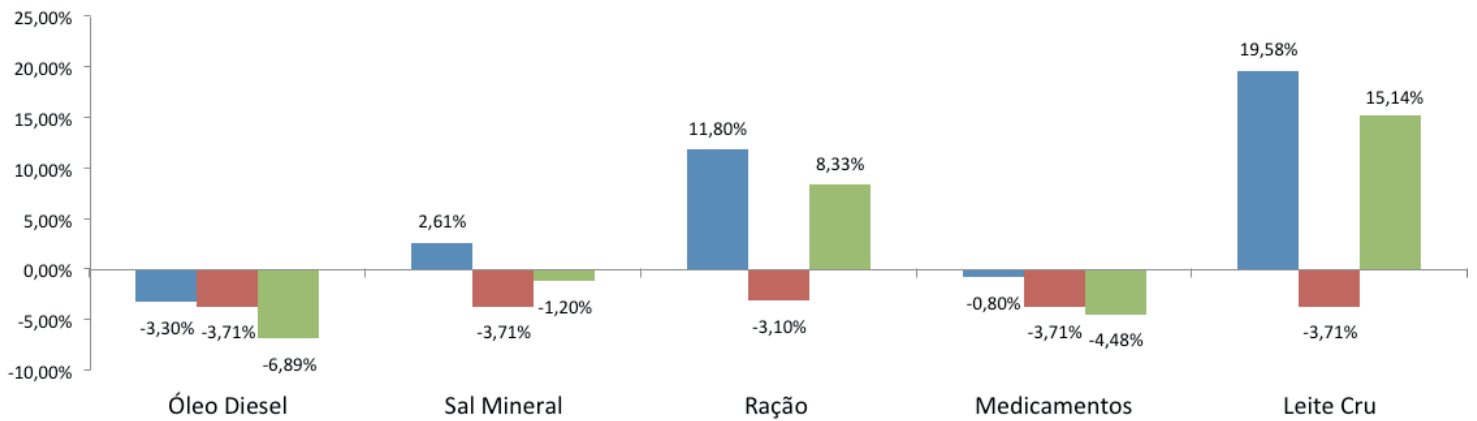
Fonte: Cepea/USP e CNA

CADEIA DA BOVINOCULTURA DE CORTE



Fonte: Cepea/USP e CNA

CADEIA DA BOVINOCULTURA DE LEITE



Fonte: Cepea/USP e CNA

Tabela 1 - PIB do agronegócio das Cadeias Seleccionadas – de 2001 a 2015 (R\$ milhões de 2015)

ANO	CADEIA DO ALGODÃO					CADEIA DA CANA-DE-AÇÚCAR					CADEIA DA SOJA				
	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total
2001	418	3169	27957	6916	38460	1130	17364	42714	11652	72860	2930	23059	6848	15538	48376
2002	379	3197	29782	7226	40585	1217	14106	42123	13936	71382	3525	34375	13789	18317	70006
2003	548	4114	33169	7990	45821	1308	14611	47524	16424	79867	5169	39690	13906	21135	79900
2004	770	5831	36596	8271	51468	1430	11558	33711	17014	63713	6171	29518	11676	20972	68337
2005	602	3109	33134	8545	45391	1416	13133	42004	17524	74.078	4830	18892	1156	22461	47309
2006	571	2559	27999	8199	39328	1498	24037	65584	20542	111661	4081	19970	-58	22677	46670
2007	642	4136	22612	8401	35791	1726	20691	34993	22277	79687	4197	27522	4649	24154	60522
2008	623	4298	15085	7976	27982	1972	17159	38763	25543	83437	5863	32220	11544	24393	74019
2009	553	2269	11898	7267	21988	1817	24756	60954	26743	114270	6099	29383	8741	23395	67618
2010	623	3834	14576	7482	26516	1791	32417	78674	29998	142880	5243	30689	4101	26602	66636
2011	853	9614	11265	7039	28771	2099	40241	69932	26633	138906	5863	36741	3439	27624	73667
2012	732	4926	5356	6973	17986	2383	39502	60163	28593	130641	6885	45219	11373	25894	89370
2013	834	2364	8757	6721	18676	2561	36313	52053	31346	122272	8607	50475	5817	27620	92519
2014	833	3621	6633	6644	17730	2267	35279	51896	29669	119110	9311	46908	6342	29240	91800
2015	777	3345	4805	6117	15043	2408	35742	56810	30835	125794	10075	52290	6455	32402	101223
2016	753	2872	5533	5178	14335	2365	45259	84252	32305	164181	10384	53930	8092	31012	103419

ANO	CADEIA DA BOVINOCULTURA DE CORTE					CADEIA DA BOVINOCULTURA DE LEITE				
	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total
2001	4498	53192	21627	27579	106897	1918	10190	9534	14178	35820
2002	4685	63075	19421	29770	116951	2054	9851	7520	14867	34292
2003	4653	65583	18071	30963	119270	2074	11464	6992	16046	36576
2004	4837	68516	20231	35598	129182	2210	11772	7887	16591	38459
2005	4576	47687	21354	35470	109087	2285	13732	9706	20466	46189
2006	4383	41991	20295	36976	103645	2286	12107	8961	21730	45084
2007	3947	39977	23586	38066	105576	2447	18904	17319	23492	62162
2008	4719	69814	33595	41563	149691	2787	18682	13917	26388	61774
2009	4627	64780	33574	40852	143833	2582	17999	1631	22916	45128
2010	4695	77053	39163	44314	165225	2589	18798	7824	25986	55197
2011	4648	77427	40481	43857	166413	2756	19733	8894	28257	59639
2012	4358	60660	41294	44091	150404	2745	20279	4404	27991	55418
2013	4713	75240	44921	49729	174603	2859	25047	11180	30492	69578
2014	4795	89916	55051	52534	202296	3126	28647	3207	30693	65672
2015	4743	98356	60676	51760	215505	3095	23671	1197	29967	57929
2016	4892	90400	55558	49578	200429	3068	29225	2515	28813	63621

Fonte: Cepea/USP e CNA